

MANUEL DE BOAVENTURA

O SANTO E A DUMO

(*S. Martinho de Dume, na lenda e na tradição*)

EDIÇÕES

BRACARA AUGUSTA

15

BRAGA — 1950

EDIÇÕES «BRACARA AUGUSTA»

- 1 — Ainda a contribuição luso-galaica para a Reconquista
Pelo Dr. Francisco José Veloso
- 2 — O primeiro tratado de Aliança anglo-português
Pelo Dr. Sérgio Silva Pinto
- 3 — El lagarto en el folklore gallego-português
Por F. Bouza Brey
- 4 — Fragmentos preciosos de códices medievais
Pelo P. Avelino de Jesus da Costa
- 5 — O bispo de Brage Balcónio e a primeira conversão dos suevos
Pelo Dr. Sérgio Silva Pinto
- 6 — Abertura da Porta Santa no Jubileu de Roma
Por José Constantino Ribeiro Coelho
- 7 — Dois bronzes romanos
Pelo Dr. Alberto Feio
- 8 — Braga no romance contemporâneo
Pelo Dr. Feliciano Ramos
- 9 — Guerra Junqueiro
Pelo Dr. Alfredo Pimenta
- 10 — De João Penha a João Saraiva
Por D. Maria Virginia Veloso
- 11 — La Chanson de Roland no românico português
Pelo Dr. Manuel Monteiro
- 12 — A Lusitânia suévico-bizantina
Pelo Dr. Francisco José Veloso
- 13 — O arcaísmo no canto popular minhoto
Pelo Dr. Manuel Faria
- 14 — Da Instrução dos Rústicos
- 15 — O Santo e a Dume
Por Manuel de Boaventura

BOA-19

MANUEL DE BOAVENTURA

O SANTO E A DUMO

(S. Martinho de Dume, na lenda e na tradição)

C. M.
ESPOSENDÁ
BIBLIOTEC
N. 3019

EDIÇÕES

BRACARA AUGUSTA

15

BRAGA — 1950

DO AUTOR

Publicados :

- O Solar dos Vermelhos*, romance tradicional — 1909.
Crimes dum Usurário, romance — 1911.
No Presídio — Memórias dum conspirador — 1913.
Vocabulário Minhoto — I volume — 1916.
Timóteo Penitente — novela, com desenho de Octávio Sérgio — 1921.
Vocabulário Minhoto — II volume — 1922.
Contos do Minho — Vida rural — 1927.
Ansia de Perfeição e Contos Imperfeitos — 1947.

Em publicação :

- Vocabulário Minhoto* — III volume (in Bracara Augusta).

Para publicar :

- Comendador de Almourol* — novela histórica.
Novos Contos do Minho.

O velho monge Teódulo, que, presumivelmente, viveu no século XIII, deixou um curioso, mas quase indecifrável manuscrito, onde a Vida do Santo é poéticamente evocada.

A transposição, da linguagem bárbara, para a actual, era necessária; mas fez perder, à maravilhosa narrativa, muito da sua beleza substancial.

Ao querido amigo,
 Dr. Fernando de Barros,
 - Espírito civiltaute
 e alma de electricas
 Com abraços

S. MARTINHO E A DUMO

do

W. Zouave

Novembro 9/57

1

PARA lá das anfratuosidades e torcicolos do Savo e àquem das margens virgilianas do Dravo, que levam caudalosas águas ao grande Danúbio, ficam os vales umbrosos, as florestas cerradas e as altas montanhas, de cimeiras nevadas, do longínquo país da Suábia, no coração da Europa.

Terra extensa e dilatada, maspletórica de gentes, gerescidas dos velhos troncos góticos e germânicos, sentia-se carecida de espaço e sedenta de horizontes, para expansibilidade do génio migratório e espírito aventureiro da grei. Por isso os suevos rumavam ao Ocidente, em cata das terras do Sol, onde os sábios da raça, localizavam paraísos de fortuna e os rapsodos fantasiavam beldades e cantavam riquezas ofiranas — a baloiçarem-se, no dorso das vagas ourescentes, do grandê «rio Oceano...»

2

A horda levantara dali, muitos anos antes, através das montanhas, vadeando rios de águas revoltas, acampando nos vales, junto de regatos e nascentes; mas sempre o pensamento ao largo, nas terras misteriosas, que agasalhavam o próprio Sol, nesse fim do mundo, que era a Ibéria, tão cubiçada dos romanos civilizados, como dos bárbaros truculentos e demolidores.

Os poetas, entre os quais havia já alguns cristãos, cantavam-na: «Oh! terras pingues, ricas de humus, acariciadas de sol e ressumantes de frescura; de florestas densas de robles e sobros; de soutos de castanhedo; de viridentes pomares, onde floresce a vide sagrada, cujo fruto sublimado sobe ao altar e, dali, ao Céu, no milagre da transubstanciação — feito sangue de Jesus Cristo! — Oh! terras amorosas criadoras do óleo dourado, que alumia os sacrários na penumbra litúrgica dos templos de Deus! — dai guarida aos lonjanos, que vos demandam, em cata de pátria nova!»

Era a terra-santa, que procuravam e alfim, encontraram — ao cabo de trabalhosas canseiras.

3

O presbítero Martim — um jovem que descendia da estirpe dos maiorais, nascido num vale frescaíno da província danubiana, de pais de tão acrisolada religião, que dedicaram a vida do primogénito ao serviço exclusivo de Deus, — sentia, em si, no estuar do sangue e na fortaleza de ânimo, a ânsia do apostolado. E, bem-rezada, que foi, a sua primeira missa, na clara igreja do vale panonês, tomou o bordão de peregrino, suplicou as bênçãos dos progenitores e seguiu o rumo do Oriente, a beijar o chão sagrado, calcado pelas sandálias de Cristo, na senda da Via-dolorosa.

Após, foi percorrer o deserto escaldejante, no desejo de ouvir os santos eremitas, que conversavam com Deus e dele recebiam a inspiração para difundir a palavra santa, distribuir as graças do céu, entre os fiéis e alcançar fortaleza ante as enganosas tentações do demónio, encarnado em especiosa e atraídora luxúria; ou na gula obsediante, que os delírios da debilidade provocam.

Nesta agra escola do sacrificio, pôs à prova a resistência da sua alma de apóstolo, predestinada para altas missões, no serviço de Deus.

O presbítero Martim, assaz fortalecido na virtude que conduz à santidade, passou do deserto a Alexandria e depois a Roma, a ouvir dos Mestres, palavras de sabedoria.

E, assim couraçado, ardendo no fervor de prestar serviços a Deus, tomou o rumo da Gália, onde o culto da verdade enfraquecia, em proveito das heresias de aventureiros que, por estulta vaidade e comprovada ignorância na interpretação dos textos, pretendiam alterar, a seu talento, o pensamento de Cristo, expresso, por inspiração divina, na doutrina dos Livros-Santos.

Mas foi-lhe consolador verificar, que os povos daquele país, já afervorados no culto do santo prelado Martinho — seu homónimo e conterrâneo — que fora bispo de Tours, ganhavam jornada proveitosa, no caminho que conduz a Deus.

Reconheceu que a sua acção, não era ali precisa.

4

Já assim não sucedia em terras da Ibéria — países bafejados de auras cariciosas e alumiadas de sol criador, onde os cristãos suevos — boa gente da sua raça — estavam a enveredar pelos maus caminhos das áridas heresias de Ário e Prisciliano, — homens dementados pelas bretoejas do mando e da rebeldia, que, muitos anos atraz, pregaram às hordas nortenhas, em demanda das terras do Ocidente, as falaciosas doutrinas duma nova religião, que desfigurava o Cristianismo e o falseava.

A má semente, lançada em boa terra, desenvolve-se e frutifica: e os suevos, que dispunham do noroeste peninsular, aliás gente de nobres virtudes, seguiam cegamente, as doutrinas dos heresiarcas.

Por este tempo, a peste negra, dizimava as populações; e, tanto como ela, a lepra horrível e deformante, que, não poupava ricos ou pobres, nem distinguia os nobres dos plebeus.

Na côrte bragana, do poderoso rei suevo, um véu de tristeza acobertava profundo desgosto e avassalava senhores e cortesãos.

O primogénito, Teodomiro, fora contaminado do horrível mal; e, dia-a-dia, a doença ia deformando o jovem príncipe, resultando improfficuos, senão contraproducentes, os esforços dos entendidos, na arte de curar.

5

Soube-se, então, dos milagres do taumaturgo de Tours, — o bispo S. Martinho, cuja fama de virtudes, ultrapassara a Gália e corria, como boa nova, nas terras da Península, contaminada dos erros da heresia.

E, como quem narra contos, aumenta pontos, até à corte braguesa chegaram notícias tão esperançosas e consoladoras, das curas milagrosas, operadas por influência e virtudes das reliquias do Santo Bispo, — que, sem demora, se preparou luzida embaixada, com presentes de valia, que, em prata e ouro, pesavam mais que o príncipe lázaro, empoleimado de pústulas e torturado de dúvidas religiosas.

Oferta de tão alto valor, foi deposta sobre o túmulo do santo homem de Tours, por hereges, já a caminharem para a luz, é certo, mas ainda eivados das doutrinas de-

letérias e carecidos de fé e confiança, indispensáveis ao bom cristão, que pretende encontrar o caminho do céu.

E, assim, o milagre, não se operou, tão prestes, como outros que, maravilhados, puderam verificar. Deus, em sua infinita Sabedoria, quis pôr à prova a paciência e a resignação daqueles suevos — bons homens, decerto, mas, desde longos anos transviados do verdadeiro caminho, por deficiência de condutores. Deus escreve direito por linhas tortas...

6

E voltaram...

Voltaram, para pedir ao rei e ao príncipe, que tivessem confiança, que perseverassem na fé, na mesma fé que fez santo o Bispo Martinho.

O triste rei chorou a desdita do filho, sem cura; e o infortúnio do reino, privado de timoneiro, após a sua morte.

Mas o mísero leproso, já conformado com a pestilência das chagas asquerosas, e encorajado pelas narrativas do maravilhoso, entrevisto pelos emissários, — pretendia encaminhar-se para Deus. Mas quem o havia de guiar nos caminhos difíceis, que conduzem ao céu? Porque lhe não mandava o Senhor de Todas as Coisas, um mentor para lhe guiar a sua alma, um homem de bondade e sabedoria, como esse santo bispo do reino gaulês?

Então, ardendo em desejos de atingir a fé verdadeira, compôs, a seu geito, uma oração ao Senhor Deus Omnipotente e invocou o patrocínio e valimento do taumaturgo, S. Martinho — o Homem bom, tão amigo de bem-fazer, que dera a sua capa ao pedinte desnudo, a tiritar!

E, dentro dele, acendeu-se a chama viva da fé.

7

De novo a embaixada tomou o rumo da Gália.

E foi junto do túmulo do santo que os emissários travaram conhecimento com o presbítero Martim, a quem deram cadra do destino que ali os levava; e dos desejos de Teodomiro, em ter a seu lado preceptor de boas luzes, que orientasse o seu espírito no campo da sabedoria; e guiasse a sua alma para os caminhos do céu.

Ouviu-os o sacerdote, atentamente. Viu, mais uma vez, que não era naquelas terras, mas no ocidente da Ibéria, — na Galécia — que o seu esforço seria necessário. Eram seus irmãos de raça: acompanhá-los-ia. Perante o túmulo, orou com fervor a pedir a saúde do nobre enfermo. Incitou-os, a que tivessem fé: e o milagre surgiria!

.....

8

Quando a galera real aportou à foz do Celano e singrou no amplo estuário, em meio dum panorama de maravilha, o presbítero panonês, que era poeta e dotado de fina sensibilidade, deu louvores a Deus, por se encontrar em terras de tantas belezas e de tão suave clima. Sentiu-se inspirado. As dulçurosas Celánides emergiam das águas cristalinas, a mostrar-lhe as formosuras da paisagem circundante e a cantarem lóas de boas vindas. Sulcando o rio, por entre umbrosa floresta, Martim — o Poeta — foi

compondo uma ode, em louvor da pátria dos suevos, que ia ser, afinal, também a sua pátria...

9

No côrte do rei braguês, à medida que as relíquias se iam aproximando da urbe, verificavam-se as melhoras do leproso, que, de momento a momento, se ia sentindo liberto. Prostrava-se então de joelhos, a agradecer à Suprema Bondade, a saúde que voltava:

— Senhor! Como é grande a Vossa sabedoria!

E quando, alfim, o bom danubiano, tocou com as santas relíquias o corpo ainda apodrido, do jovem Teodomiro, a família e os cortesãos, viram, com verdadeiro espanto, todo o mal desaparecer e o príncipe, são e escorreito, com a alegria estampada no rosto, dar graças à Divina Potestade:

— Senhor! Senhor! Como é grande a Vossa Bondade!

E a alegria e a felicidade, voltaram, de mãos dadas, ao Paço acabrunhado e sombrio.

10

Operado o milagre, no palácio, em festa, tudo era alacre! E o soberano afortunado, grato ao favor de Deus, abjurou públicamente as heréticas doutrinas de Ário e Presciliano — exemplo que toda a côrte seguiu e abraçou com sinceridade.

Logo depois, os chameleiros, percorreram a cidade e as póvoas vizinhas, a anunciar a miraculosa cura; a intercessão e virtudes de S. Martinho; e a caridade e simpatia do generoso estrangeiro, que fora o portador das relíquias. O povo delirou com a boa nova; e entusiasmado pela palavra quente do sacerdote, renegou as falsas doutrinas e abraçou o catolicismo.

Instou o rei com Martim, no sentido de lhe serem requeridas benesses, como paga dos altos serviços prestados.

Mas o bom sacerdote não tinha outra ambição, além de apostolar a boa gente sueva; e fundar um mosteiro, em honra de S. Martinho seu conterrâneo, seu patrono e beifeitor da grei sueva.

— Senhor! Nada quero para mim, senão que consintas que catequise o teu povo, que é dócil e bom; mas é justo que, por gratidão, levantes um mosteiro ao santo que salvou teu filho.

O pai de Teodomiro acercou-se do cairel do cerro, já fora dos muros da urbe; e mostrando a vastidão da dumo, que se alongava até ao blandicioso Celano, exortou-o:

— Padre! É justo! Toda a terra a teus pés, a ofereço ao santo Bispo, que desleprou Miro e fez a felicidade deste reino que é, desde hoje, bom cristão. Vai e escolhe o assento do mosteiro: serás dele guardião e o administrador da fazenda. O cofre real pagará a feitura.

11

Dias depois, o bom Martim, como impellido por oculta força, embrenhou-se na densa floresta, à cata de local apropriado para construir a Casa de S. Martinho. Horas e horas vagueou na selva, de clareira em clareira, subindo outeiros, descendo cêrros, galgando ribeiras, até se encontrar à orla do Celano, que delimitava os terrenos doados.

Outra vez a alma do poeta se extasiou ante as belezas da paisagem sem par.

Bebeu da água cristalina, deliciosa de sabor e de frescura. E pôs-se a conversar com as águas buliçosas, que lideiravam céleres, a ganhar jornada, por sobre os seixos e as areias brancas. Iam a murmurar, ou a rezar?

O Poeta, em êxtase, inquiria:

— Lindas águas frescaíñas! Louvais a Deus, que vos criou?

À alma sensível, a resposta chegava prestes:

— Todo o caminho rezámos e louvámos o Criador! Dessedentamos os que nos procuram, com sede; e vamos dar de beber às terras ressequidas, que o irmão Sol, torna fecundas.

12

Poucos seres humanos habitavam a dumo inculta, densa, impenetrável, onde ululam lobos e o fremit dos ursos se confundia com o grunhir dos javardos. À orla do rio encontrou cabanas de silvícolas, que, confiados, se abeiraram do estrangeiro. O bom Martim falou-lhes e compreendeu-os. Aproveitou a oportunidade para lhes dar a conhecer Jesus e a sua doutrina. Muitos deixaram-se baptizar, em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo. Os mais esquivos e rebeis, internaram-se na floresta e foram juntar-se às tribos selvagens dos aborígenes, que traziam nas veias sangue de celtas e lusos indomáveis, fugidos à civilização romana.

Seria perigoso voltar à selva; mas o abnegado apóstolo, modelo de fortaleza e persistência, nada temia. Entrou resolutivo no mais denso da brenha; gamos e veados abriam-lhe caminho, entre os matagais de piorno, codeço e urze.

Começou a sentir os rebates da fome; a noite aproximava-se e adensava-se, sob a entrelaçada ganaria e enfolhamento do arvoredado. Estaria perto ou longe da urbe? Não sabia.

Encontrava-se, agora, numa pequena clareira: ali perto, na carcaça de velho castanheiro sentiu o bezoar das abelhas obreiras e diligentes, que fabricavam o manjar celeste e a cera para os altares. Aproximou-se: tirou um favo da algariça e deliciou-se com ele. Adiantou-se para o regato e bebeu a água fresca da nascente. Depois orou e pediu a protecção de Deus.

A treva desceu: noite cerrada, densa, sem brilho de estrelas. As vozes da imensa floresta, passeavam-se, deliquescentes, nas asas da viração, em chirrios lamentosos de mochos, regougos macabros de corujas: ou sarridos de ursos e rebusnar de martaranhos. E em meio de tudo isto, um homem só — o danubiano Martim — nem se amedrontava, nem temia ciladas. Encontrava-se ali em serviço de Deus: Ele o protegeria.

Como justo que era, adormeceu e sonhou.

13

Sonhou...

Então as feras da imensa dumo, umas após outras, acercaram-se do Homem-bom. Em meio da tenebrosa escuridade, enxergava e pressentia a aproximação de lumarcós fosforescentes: eram olhos coruscantes dos lobos, dos ursos, dos texugos e raposos, toda a variada fauna da emmaranhada selva, que se achegava — uns para cheirar a fímbria do hábito; outros a bafejarem-lhe os pés ou a lamberem-lhe as mãos.

E o santo varão acariciou todos e falou-lhes, em nome do Senhor, exortando-os a adorarem a Suprema Bondade, Criadora de mundos infinitos e da infinita variedade dos seres.

.....
 Quando as falas de fraterna amizade, do homem justo, para os animais submissos, acabaram, as feras, movidas por hipnóticas forças simpatizantes, fizeram círculo, ao derredor, — como a proteger apóstolo de tanta bondade e virtude, da ferocidade de outras alimárias mais perigosas, que são os homens, falhos do temor de Deus.

14

Quando acordou, ante-manhã, cantavam, de alto, as cotovias. E ali, na ganaria das velhas árvores, onde o rouxinol gorgeara durante a noite, ouviam-se, agora, os assobios da alvorada dos melros madrugueiros e os primeiros acordes dos pintassilgos e tentilhões, em ensaios da sinfonia de Primavera.

Ou seriam as avezinhas do céu a rezar matinas? Se assim era, Martim ajoelhou e rezou também matinas.

Deus mandava-lhe manjar celeste!

Um favo de mel foi ótimo dejejum.

Procurou orientar-se: esperou que o sol nascesse; abriu caminho através da mata e foi dar a uma clareira, de boa terra humosa, onde vicejavam gramíneas, que dariam pão. Depois de ter baptizado os incolas ribeirinhos, acabou por baptizar e dar nome, às terras que ia descobrindo. Àquele plaino, tão apropriado à cultura do pão e em homenagem à sua província natal chamou — Panónia!

15

Uma força misteriosa arrastava-o para o coração da selva, cada vez mais distanciado da Bracara sueva. Embora! O seu fim era conquistar almas.

Fora prevenido de que no mais denso da dumo, havia tribos de tão má índole, e tão guerrilheiras, que seu maior prazer era a luta. Tinha interesse em os procurar e foi encontrá-los, reunidos, em tremelhos de combate. Confiado, dirigiu-se para eles e falou-lhes. Mas ao chefe, o estrangeiro pareceu suspeito e espião dos inimigos; e ordenou que o prendessem a uma árvore, para ser justificado.

Era um núcleo de luso-celtas, que os romanos não conseguiram civilizar. Como os druidas, tinham uma noção primitiva da divindade: adoravam as grandes árvores e prestavam culto às nascentes e temiam Endovélico. Pretendia o estrangeiro roubar-lhes os seus deuses? A morte ao roubador...

Não opôs resistência: seria inútil. Com serenidade e sem temor, porque confiava em Deus, o santo homem, -ia-se fazendo compreender da gente da selva. Uma missão de paz ali o trazia. Falava-lhes do doce Jesus de Nazaré e pretendia mostrar-lhes a excelência e humanidade da sua doutrina, que erguia o homem e o libertava da escravidão. Ele estava ali, em seu nome, para indicar os caminhos que conduzem ao céu.

Mas, os da tribo, nunca tinham ouvido falar do Homem-Deus. Os seus deuses estavam ali, no seio da floresta e isso lhes bastava.

16

Levantou-se o alarido: o som estrídulo das buzinas e tambores, penetrou nos arcanos da dumo fechada e sombria. Afluiu mais gente, armados de arco e frechas, de lanças e espetos.

O homem forte e virtuoso, amarrado com calabres ao tronco do grande roble, que era rei na floresta, não temia a morte, mas acreditava que a sua vida fosse precisa ao serviço de Deus. Rogou ao bem-aventurado S. Martinho, que advogasse a sua causa; ergueu, depois, os olhos para o céu e pediu a Deus que recebesse a sua alma.

Mas Deus nunca desampara os bons!

Ao derredor do padecente, os silvícolas, em festa, organizaram, a rufo de tambores e com gritaria e guinchos, uma dança guerreira, que assim mandava a sua liturgia: — era o bailado da morte!

Nos últimos dias, as trovoadas—voz dos espíritos em fúria—despejaram raios a incendiar o bosque. O sacrifício de uma vida humana, em holocausto às divindades, levaria a acalmia aos elementos revoltados. E se o estrangeiro era contra os deuses, tinha de morrer.

17

O chefe seleccionou os homens de mão certa e postou-os a distância, em linha de ataque. Na sua linguagem bárbara, deu ordens aos seus e exortou a vítima a morrer em honra dos deuses, cujos espíritos andavam nas asas do vento e pousavam na frança do arvoredado. Seu sangue traria felicidade à tribo guerreira.

O servo de Deus, com a serenidade do justo, falou-lhes, mais uma vez, de Jesus, crucificado em holocausto da humanidade.

Os gritos ululantes da turba, abafaram a voz de Martinho.

O chefe ia dar ordens. Mas os homens começaram a sentir mal-estar e as armas de guerra pesavam mais que o habitual. Sentiam tonturas: tudo rodopiava ao redor... O maioral dava ordens de retezar os arcos, mas sentia a língua entaramelada, e os homens as mãos engadanhadas. Como? Que estranha força era aquela, que os tolhia?

Da turba saiu uma voz, a medo:

— À morte!

A voz soturna ecoou na floresta. Os homens tentavam as pontarias... Então, coisa estranha como tremor de terra, estremeceu-os; e logo, fenómeno nunca presenciado, os espantou: toda a folhagem do roble real, — maioral da arvoreda — se desprendeu, de súpetão, e começou a rodopiar, em torvelinho, como num vendaval de tufão, ao redor da árvore despida, escondendo e protegendo o corpo do abnegado sacerdote de Cristo. Era o milagre, outro milagre de S. Martinho!

18

Arcos e setas caíram ao abandono. Alguns fugiram estarecidos; outros rojavam-se pelo chão.

Mas maior mistério, coisa mais estupenda, esperava os bravios habitantes da selva, que se sentiam possuídos de terror pânico! A que fora bela árvore, agora esqueleto nu, como se labareda de incêndio a tivesse abraçado, tremeu, em nevróticas osci-

lações de abalo sísmico, para logo se esfarelar em polvilho, como nos tétricos paroxismos da desagregação dos elementos.

Árvore, calabres, folhagem — tudo tinha desaparecido, desfeito no pó, na cinza, em nada... E Martim, de todo liberto, pôde erguer os braços ao céu, render graças ao Senhor Omnipotente e manifestar a sua gratidão, ao santo bispo Martinho.

19

Agora a turba ignara, prostrada a seus pés, solicitava o perdão. A graça divina iluminava as almas da gente bravia.

O virtuoso padre dirigiu-lhe palavras carinhosas, abraçou alguns amigos; animou as mulheres e afagou as crianças. Depois descreveu-lhes a atribulada Vida de Jesus e a sua morte para remissão dos pecados dos homens.

.....
A todos baptizou e deu nomes cristãos.

20

Por forma tão maravilhosa conquistados, os incolas da dumo, quedaram submissos. Martin falou-lhes e disse-lhes do fim que ali o levava: erguer um grande mosteiro ao verdadeiro Deus e consagrá-lo ao milagroso S. Martinho, bispo de Tours, por cuja intercessão tinham sido salvas duas vidas: a de Teodomiro, filho do rei e a sua.

Então todos se consertaram para o acompanhar através da brenha. Quando a noite voltou, acamparam numa pelada; depois de proveitosa catequese, adormeceram. Ao dealbar, Martim viu descer uma estrela, em certo ponto. Afigurou-se-lhe que isto era uma indicação e para lá se dirigiu com os novos amigos.

Depois de muito andar, a desbravar matagal e tosar embarguilhos, encontraram extenso plaino, à margem dum riacho. Achou aprazível o local e a terra excelente para culturas.

Ali perto começava a encosta dum monte: subiu-a. O seu espanto foi grande, quando verificou que se encontrava junto dos muros da capital, do florescente reino suevo e ao pé do templo, que o velho rei, ao implorar a intercepção do Santo de Tours, para a cura do filho, mandara erguer. Outro milagre!...

21

O rei exultou com o regresso do bom padre Martim. E informado dos espantosos incidentes ocorridos e da miraculosa intervenção celeste, acreditou em caudalosa torrente de graças a afluir sobre ele, de que viriam a beneficiar o povo e o reino bom cristão, que já era o seu.

Prestes as obras foram iniciadas, por artífices e obreiros escolhidos pelo mordomo do paço real. E, em redor do templo, de elegantes e sóbrias linhas bizantinas, os grandes casaridos do mosteiro, cresciam de dia para dia, por forma tão notável e invulgar, a que o maravilhoso não era estranho.

E tão considerável era a admiração e confiança no virtuoso sacerdote, que, povo e mestirais, acreditavam num poder sobrenatural, que avolumava e fazia crescer o grandioso edificio, durante a noite!

Pois se até os mais fantasistas viam — talvez em sonhos — os anjos do céu descerem à terra, em revoada e trabalharem no assento da silharia e no carpintejo de soalhos e traves — por certo sob a direcção do ínclito Mestre S. José!

Andava o maravilhoso a avolumar os milagres: por isso todos trabalhavam com afã e alegria.

E aqueles bravios homens da selva, transformados em dóceis cordeiros, desmontaram pedreiras e ajudaram a carrear os materiais; a desbravar e cachar o terreno e cultivar as leiras arroteadas. Trabalhavam com verdadeiro prazer e alêgria, para o homem que já começavam a apelar de santo.

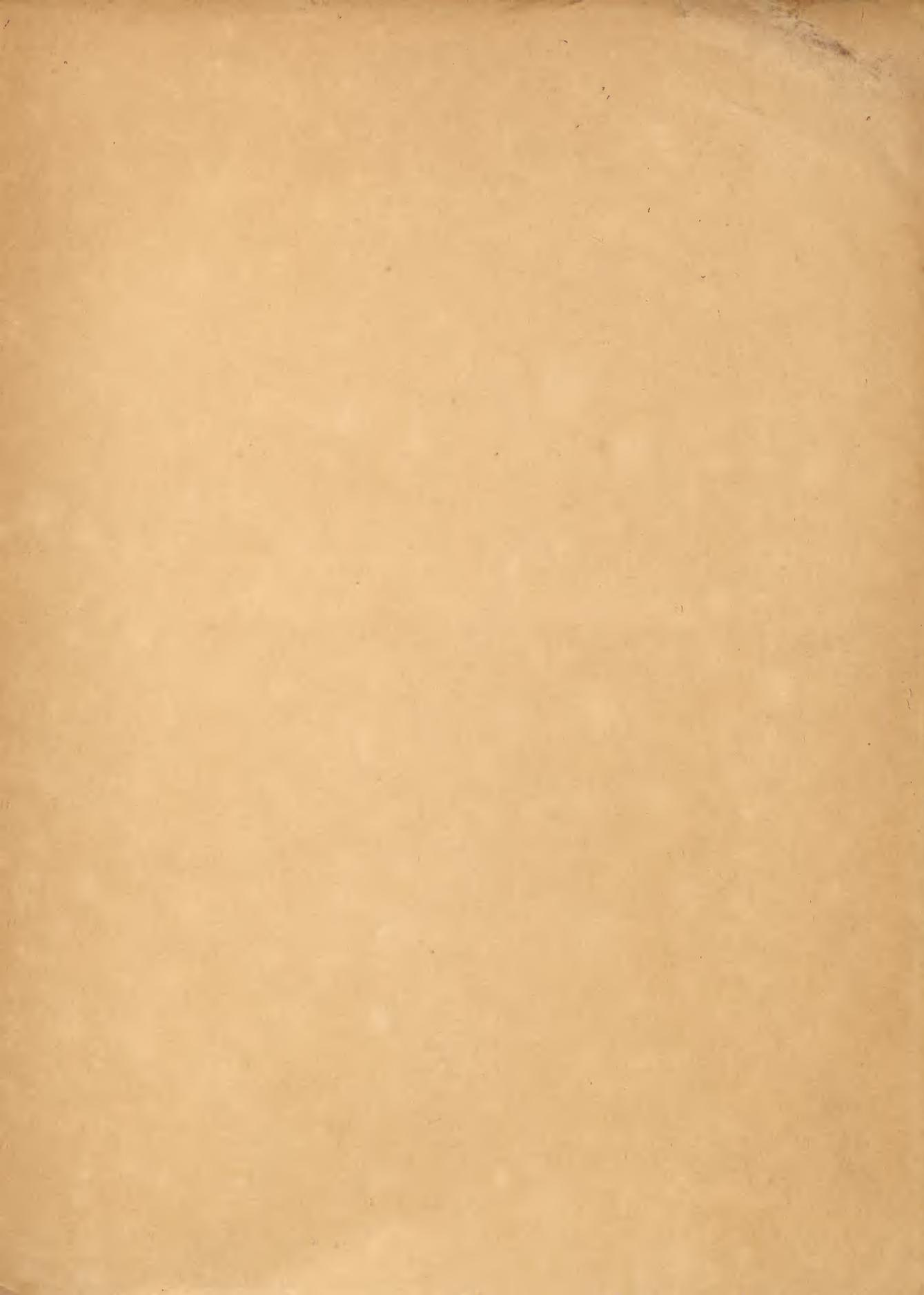
À volta do mosteiro construíram cabanas, que, a pouco e pouco se foram transformando em casas. Foram estes colonos, os primeiros servos da gleba, mais tarde transformados em rendeiros, com prerrogativas de senhores da terra, graças à generosidade do excelso Abade, que, por suas virtudes, sabedoria e privança com as pessoas reais e o Metropolita bracarense, — foi elevado às honrarias de Bispo, — Abade-Bispo da Casa Conventual de Dume; e Abade-palatino da Casa Real Sueva, que é como quem diz — seu Capelão-mor.

Mas vida tão proveitosa e útil à humanidade, não estava ainda bastante compensada: a breve trecho, o Abade-bispo de Dume, era elevado à dignidade de prelado da grande diocese de Bracara, que era todo o reino suevo.

Porém, tudo isto era bem pouco, para premiar virtudes de varão de tão alta estirpe moral. Deus determinou marcar-lhe lugar de honra na Côrte dos Bem-aventurados.

Do Abade-bispo, que foi grande entre os prelados bracarenses, quase se perdeu a memória. Mas a do Santo, jamais se perderá.

É eterna!



BOA

Biblioteca
Manuel de B